

O USO DE ARTICULADORES CONDICIONAIS EM CARTAS AMOROSAS DO SÉCULO XX: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA

THE USE OF CONDITIONAL CONJUNCTIONS IN LOVE LETTERS OF THE 20th CENTURY: A FUNCTIONALIST APPROACH

Patrick Corrêa dos Santos Ferreira¹

RESUMO: O presente artigo oferece uma análise diacrônica dos articuladores condicionais em cartas amorosas escritas no século XX baseada nos pressupostos da teoria funcionalista da Costa Oeste dos Estados Unidos. A partir de uma revisão do conceito de conjunção e oração condicional, buscamos rastrear os usos de um casal de noivos para manifestar a relação condicional a fim de testar a validade da hipótese de que a alta frequência de uso do articulador *se* não é um fenômeno recente em português.

Palavras-chave: sociolinguística, funcionalismo, condição.

ABSTRACT: This paper offers a diachronic analysis of conditional conjunctions in love letters written in the 20th century based on the assumptions of functionalist theory from the West Coast of the USA. After a review of the concept of conjunction and conditional phrase, we seek to track the uses of two fiancés to express the conditional bond, in order to test the validity of the hypothesis that the high frequency of use of the conjunction *se* is not a recent phenomenon in Portuguese.

Key words: sociolinguistics, functionalism, condition.

1. INTRODUÇÃO

Em geral, os dicionários definem condição por meio de sinônimos. O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, disponível *on line*, oferece sete acepções para o termo e, dentre elas, a que mais chama a atenção é a que define condição como *requisito*. De

¹ Mestrando, UFRJ.

fato, em um período composto que apresenta suas orações com um vínculo condicional, há um determinado estado de coisas que depende de outro para ser ou não verdadeiro. Trata-se de um critério semântico para a delimitação dessa possibilidade. Em sua *Gramática secundária*, Said Ali (1969, p. 136) afirma que as orações condicionais ocorrem quando “a proposição hipotética serve para exprimir (...) um fato eventual; mas pode também denotar um fato real, ou admitido como real, porém em contradição com outro acontecimento”.

No que se refere ao termo *conjunção*, Cunha & Cintra (2001) apresentam uma definição que segue a tendência geral dos gramáticos considerados tradicionais. Segundo os autores, tratam-se de vocábulos gramaticais que se prestam a relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. Quando relaciona termos ou orações cuja função gramatical é a mesma, recebem o nome de coordenativa. Quando liga duas orações em que uma completa ou determina o sentido da outra, é chamada de subordinativa.

O próprio termo *conjunção* suscita controvérsias, porque não prevê que vocábulos de outras naturezas, como preposições, por exemplo, possam introduzir orações. É preferível adotar uma nomenclatura mais abrangente que evite incongruências, como *articulador* ou *conector*, sendo o primeiro a escolha para o presente trabalho, em que os usos de articuladores condicionais de dois missivistas ensejam reflexões sobre os meios linguísticos para expressar tal noção. Em estudo sobre a possibilidade de itens não previstos pela gramática tradicional estabelecerem vínculo comparativo, Rodrigues (2009) adota o termo *conector*. De acordo com a autora, o uso desse termo permite abarcar não somente conjunções, mas também preposições, advérbios e locuções equivalentes a tais classes. Em trabalhos mais recentes, a mesma autora utiliza o termo *articulador*, o que evita conflitos de

nomenclatura com outros teóricos que utilizam o termo *conector* com acepção mais específica (cf. MATEUS et alii, 2003)².

Os autores das cartas amorosas que serviram de fonte de dados são Jayme O. Saraiva e Maria Ribeiro da Costa, casal de noivos residentes nos estado do Rio de Janeiro. Foram analisadas 96 cartas. Desse total, 68 são de autoria de Jayme, enviadas da capital, e Maria responde pela autoria das outras 29 missivas, datadas dos anos de 1936 e 1937, escritas no município de Engenheiro Paulo de Frontin.

O estudo apresentado a seguir se encontra dividido em quatro partes. A primeira parte apresenta os pressupostos teóricos da corrente funcionalista da Costa Oeste dos Estados Unidos, que serviram de base para a realização dessa análise. Na segunda parte, são tecidos breves comentários que servem para caracterizar os autores das cartas analisadas, de modo a contextualizá-los temporal e espacialmente, além de serem expostos alguns problemas em lidar com fontes de sincronias passadas. Na terceira parte, o estudo de Barreto (1999) sobre o percurso histórico das conjunções do latim ao português é retomado para mostrar o caminho percorrido pelas conjunções condicionais identificadas nas cartas e é nessa seção que alguns exemplos retirados desse *corpus* são efetivamente analisados.³

2. ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

² Em sua *Gramática da Língua Portuguesa*, as autoras reservam o termo conector para o âmbito da coordenação, apresentando três subtipos desse item: contrastivos, conclusivos e explicativos, acompanhados de seus respectivos exemplos.

³ O presente estudo se propõe a ser um olhar sobre as possibilidades de manifestação da ideia de condição através de articuladores sintáticos por meio de uma análise qualitativa e quantitativa, baseando-se nos pressupostos teóricos da corrente funcionalista da Costa Oeste dos Estados Unidos para viabilizar sua realização. O fenômeno do uso de articuladores condicionais é investigado em cartas amorosas escritas por dois informantes durante a primeira metade do século XX, de onde foram retirados os exemplos apresentados e comentados, que possibilitaram rastrear indícios do que poderiam ser usos recorrentes em seus meios sociais no que tange ao fenômeno investigado.

Este trabalho tem suas bases nos pressupostos teóricos da corrente funcionalista, especificamente a da Costa Oeste norte-americana, representada por autores como Chafe (1979), Givón (1984) e Hopper (1987), que advogam em favor de uma análise linguística que se fundamente no uso, pois é através das diferentes situações comunicativas que emergem a função e o significado de uma determinada forma. Em outras palavras, os fenômenos linguísticos são dependentes de um contexto discursivo, não cabendo analisar uma forma isoladamente.

A língua, dentro dessa concepção, está em constante mudança e sujeita a pressões de uso, moldando-se às mais variadas necessidades comunicativas de seus usuários. Essa premissa vai totalmente de encontro às prescrições da gramática tradicional, que parte de modelos literários de uso e, com isso, mostra-se desatualizada em relação ao que efetivamente está em uso entre os falantes. Tendo refletido sobre as condições de produção comunicativa dos missivistas, surge, então, um questionamento pertinente: quais articuladores condicionais listados nas gramáticas tradicionais eram, de fato, utilizados por falantes da primeira metade do século XX? Assumindo a ideia de que Jayme e Maria poderiam representar diferentes variedades do português brasileiro dessa época, rastreamos seus respectivos usos a fim de oferecer uma resposta satisfatória para essa indagação.

A partir das cartas, identificamos os interlocutores como inseridos no meio urbano, com acesso aos meios de escrita, sobretudo Jayme, que adota uma linguagem de alta formalidade, conforme demonstramos no exemplo **(1)**, dentre tantos outros que poderiam ter sido destacados. A propósito do gênero por meio do qual estabeleciam comunicação, trata-se de um repositório de algumas fórmulas fixas, o que justifica, em parte, a ocorrência de determinadas estruturas que, possivelmente, não tinham uso corrente à época. Mesmo sincronicamente, a carta preserva seções em que o autor recorre a usos consagrados, próprios do gênero, como a indicação da data

acompanhada da cidade de onde está sendo enviada e uma breve saudação seguida por um trecho em que o remetente procura saber a respeito do estado de saúde do destinatário, bem como de sua família, caracterizando o que se chama captação da benevolência.

De acordo com Neves (2006), o fio condutor das reflexões funcionalistas é o conceito de função, que deve ser tomado não apenas como uma entidade sintática, mas também como uma união entre o estrutural e o funcional. Essa visão permite enfocar a multifuncionalidade dos itens, que significa considerar as estruturas linguísticas a partir do que elas representam em termos de organização dos meios e possibilidades linguísticas de expressão. Ainda segundo a referida autora, as estruturas linguísticas codificam funções e as diferentes funções apontam para diferentes modos de significação no enunciado. Estes, por sua vez, respondem decisivamente pela eficiência (ou não) da comunicação entre os usuários de uma língua. Portanto, “funcional é a comunicação, e funcional é a própria organização interna da linguagem” (NEVES, 2006:18).

Outro conceito fundamental para a corrente funcionalista é o de protótipo. As categorias gramaticais possuem limites imprecisos entre si, e um item não necessariamente deve apresentar todas as características de uma categoria para ser considerado como pertencente a ela. Por sua vez, o item que reúne todas as características de uma categoria é considerado prototípico, e os falantes tendem a reconhecê-lo e mencioná-lo facilmente quando perguntados sobre um representante daquela categoria. Em geral, a lista de conjunções condicionais tradicionalmente listadas nas gramáticas prescritivas: *se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se*. Dessa lista, o item mais prototípico para representar a categoria das conjunções condicionais é *se*, ao passo que outros itens podem apresentar características de outras categorias, como as preposições, a exemplo de *desde (que)*.

3. UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO DOS MISSIVISTAS

Com base no perfil traçado por Silva e Lopes (2013), é possível apontar características importantes dos autores das missivas analisadas. Em razão da impossibilidade de localizar informações mais detalhadas em visitas a cartórios, ao endereço que constava dos envelopes e a arquivos históricos, o que se sabe a respeito dos noivos provém das próprias cartas, encontradas em uma lixeira pública de um bairro suburbano do Rio de Janeiro.

As cartas indicam que Maria tinha dois irmãos e uma irmã. Era mãe solteira residente em Petrópolis com a irmã, que tinha dois filhos. O fato de já ter uma filha incomodava a mãe de Jayme. Este, por sua vez, era morador da cidade do Rio de Janeiro e trabalhava no ramo de importação e exportação de produtos têxteis, em empresa situada Rua Buenos Aires, no centro da cidade, que foi capital federal até a transferência para Brasília, em 1960. Como sua residência se localizava no subúrbio, Jayme tomava o bonde para chegar ao trabalho e era frequentador da igreja da Penha.

Um detalhe de grande relevância inferido a partir das missivas do casal é a diferença entre seus graus de escolarização. Partimos da hipótese de que Jayme tinha mais conhecimento formal dos modelos de escrita de sua época, o que se reflete em uma escrita mais cuidadosa e com menos desvios, tanto a nível grafemático quanto morfológico e sintático, chegando, por vezes, a usar uma linguagem poética, observação exemplificada em **(1)**. Por sua vez, Maria pode ser vista como representante da fala popular, incorporando à sua escrita traços fortes de espontaneidade, pelos quais chega a se desculpar em algumas cartas, a exemplo do que se verifica em **(2)**:

(1) Irei visitar-te no dia 4, pois não suporto mais tempo sem ver-te, quero ir buscar em ti minha flor o lenitivo de minha dor que é o teu amor, quero sorver de teus

lábios minha querida o néctar de um beijo de amor embriagador, quero buscar a minha ventura, olhando para os teus olhos, vejo de eles dizem que toda a minha ventura estão dentro deles só eles poderão me dar força na hora de desalento, para mim tu és a mesma coisa que uma tábua para um naufrago, que quando está preste a morte, quando surge-lhe a tábua, ele é capaz de dar mundo inteiro pela aquela tábua porque nela está a sua vida se ela fugir ele morre afogado, a mesma coisa tu és para , eu sou o naufrago e tu es a tábua, não há no mundo coisa alguma que pague o que mereces para mim, embora tu queiras só o meu amor ele já é teu a muito tempo, tu mereces muito mais minha flor, sem ti morrerrei .(De Jayme para Maria, 26/09/1936)

(2) E para ti muitos beijos e abraços desta que não te cansa de te amar

Maria Ribeiro da Costa

vai no Domingo na minha casa pode ter alguma carta para você que eu vou escrever no sábado e boto as fotografias mais não a mostre a minha mãe a queles que nós tiramos juntos sim. não repares a minha carta e os meus erros rasga (De Maria para Jayme, 23/09/1936)

No âmbito da sociolinguística histórica, área que também fornece subsídios para esta investigação, cumpre ressaltar a dificuldade em lidar com dados de outras sincronias, em virtude da precariedade dos *corpora*. Traçar o perfil social dos noivos é uma tarefa que exigiria um conjunto maior de dados concretos, mas é possível localizar indícios das condições de produção das cartas a partir do que se encontra registrado nelas. Nesse sentido, faz-se o melhor uso dos piores dados, conforme postulou Labov (1972, p.100) em suas investigações acerca da mudança linguística. O mesmo autor acredita na viabilidade do uso do presente para explicar o passado e

vice-versa, mostrando que os variados processos em voga numa determinada língua podem ser interpretados por meio de dados localizados em *corpora* que resistiram ao tempo e, portanto, ainda podem ser analisados.

Silvestre (2007, p. 10) também reflete sobre o papel da sociolinguística histórica, indicando que, nos últimos anos, a metodologia utilizada para a investigação de fenômenos linguísticos do presente é aplicável à elucidação do passado. A grande contribuição oferecida por Silvestre (2007, p.13) é a sistematização das diretrizes e métodos que guiam a sociolinguística histórica. Nesse sentido, concluímos que certos parâmetros aos quais se pode atender com relativa facilidade quando se trata da sociolinguística sincrônica, como faixa etária, sexo e escolaridade, nem sempre podem ser preenchidos satisfatoriamente quando se trata da sociolinguística histórica. Afinal, como indica o mesmo autor, é a partir dos textos que atravessaram os tempos e chegaram aos dias atuais que se podem recuperar fatos linguísticos do passado. Frequentemente, esses textos fornecem dados escassos e informações fragmentadas, como é o caso das cartas escritas pelos noivos e analisadas para este trabalho.

Há que se considerar, ainda, a possibilidade de um informante como Jayme apresentar criações estilísticas, hipótese validada por exemplos como o fornecido em **(1)**, do qual constam usos e estruturas que sugerem o domínio dos padrões escritos de sua época, conforme já foi exposto anteriormente.

4. AS CONJUNÇÕES CONDICIONAIS E SEU PERCURSO HISTÓRICO: UMA ANÁLISE FUNDAMENTADA EM BARRETO (1999)

Realizando um esforço notável e de grande proveito, Barreto (1999) apresentou, em sua tese de doutorado, o percurso de gramaticalização de todas as conjunções do português, atravessando três diferentes sincronias, a saber: português arcaico (textos do século XIII ao XV), português moderno (textos do século XVI ao XVII) e português

contemporâneo (textos de língua falada). O termo conjunção é retomado aqui por ter sido a opção de nomenclatura feita pela autora. Os alicerces de sua pesquisa vieram sobretudo da teoria funcionalista, com especial atenção para a teoria do deslizamento semântico, que diz respeito à possibilidade de um mesmo item se prestar a funções afins àquelas para as quais já tinha sido recrutado, em uma espécie de analogia.

A autora investigou também as razões para mudanças de conteúdo semântico nas conjunções, formando um inventário desses itens linguísticos que serve de pedra angular para estudos diacrônicos que visem a sua origem e descrição. Por meio de sua análise, também, tornou possível indicar quais processos de mudança se mostraram mais produtivos para que se constituísse o quadro de conjunções da língua portuguesa.

Segundo Barreto (1999), as conjunções do português contemporâneo têm origens diversas. Parte delas foi herdada do latim (*como, e, nem*), outras surgiram a partir de advérbios (*mas, pois*), outras são originárias de preposições (*segundo, contanto que, embora*), outras têm sua base em verbos (*dado que, posto que, sendo que*). Nas cartas de Jayme e Maria, constatou-se um repertório reduzido de conjunções para a expressão de condição: apenas *se* (160 ocorrências) e *caso* (4 ocorrências). Conforme apontamos, trata-se das conjunções menos marcadas para veicular a noção de condição, e ambas se prestam a vários outros usos, o que atesta sua multifuncionalidade.

A referida autora dedica um número relativamente alto de páginas de seu trabalho à descrição do processo de gramaticalização da conjunção *se* ao longo da história do português. Sua origem é a conjunção latina *si*, a qual, por sua vez, remonta à forma *sei*, locativo do tema pronominal *so/sa*, cujo significado era, inicialmente, “neste caso”, “em tal situação”, “assim”. No período histórico do latim, *si* aparecia como conjunção condicional, uso que persiste no português contemporâneo. No próprio latim clássico, o *si* condicional passou a assumir a função de conjunção integrante,

encabeçando alguns tipos das chamadas orações subordinadas substantivas pela tradição gramatical.

Entretanto, mesmo quando aparecia como introdutora de orações subordinadas interrogativas indiretas, expressando a intenção e dependendo de verbos cujos significados fossem esperar, tentar ou esforçar-se, ou equivalendo a *ut* completivo, assumindo o significado de “a saber que”, grande parte dos latinistas enxergavam matizes condicionais, um indicador de que *se* é uma conjunção condicional por excelência.

Para explicar como se passou de pronome interrogativo a conjunção condicional, Barreto (1999) cita Dias (1956), indicando que, no discurso animado, é fácil substituir o período hipotético por: **(i)** uma oração principal interrogativa, seguida por uma oração assertiva, **(ii)** uma oração imperativa, também seguida de uma oração assertiva. Os exemplos **(4)** e **(5)**, acompanhados de paráfrases, são fornecidos pela autora para ilustrar cada uma dessas possibilidades:

(4) *Chama-me? Obedeço.* (= 'se tu me chamas, obedeço').

(5) *Deitai ao mar um vaso de barro inteiro, nada por cima da água: quebrai esse mesmo vaso, fazei-o em pedaços, e todos até o mais pequeno se vão ao fundo.* (Vieira, II, 79). (= 'se quebrardes esse mesmo vaso e o fizerdes em pedaços, todos, até o mais pequeno, poderão ir ao fundo').

O período hipotético apresenta três níveis, a depender da natureza da condição expressa na oração matriz do período:

a) **o real**, em que os verbos da oração matriz e da subordinada se encontram no indicativo e a condição deve ser efetivamente realizada;

b) **o potencial**, cujas orações matriz e subordinada apresentam verbos no modo subjuntivo e a condição é possível de ser realizada;

c) **o irreal**, em que os verbos da oração matriz e da subordinada devem estar no mesmo tempo e no mesmo modo: imperfeito do subjuntivo se a condição é irreal no presente e mais-que-perfeito do subjuntivo se a condição é irreal no passado. No latim clássico, a conjunção *se* era empregada nos três períodos.

Restrito a quatro ocorrências, o uso de *caso* indica que se trata de um articulador condicional extremamente marcado, que parece pertencer à norma da época. Mantendo em foco a hipótese de que Jayme representava o falar culto de seu tempo, chama a atenção para o fato de todas as ocorrências desse articulador terem sido encontradas em suas cartas. Tal constatação nos leva a considerar fortemente a hipótese de que se trataria de um articulador aprendido via escolarização, que não fazia parte do repertório de conjunções condicionais de que Maria dispunha. Sempre que havia a necessidade de expressar condição, Maria utilizava a conjunção *se*.

Nas orações subordinadas introduzidas por *caso*, os gramáticos tradicionais costumam apresentar exemplos em que o verbo da oração subordinada se acha no presente do subjuntivo, o que se reflete no uso de Jayme exemplificado em **(6)**.

(6) No domingo espera-me em tua casa que eu irei lá ter, **caso** eu não vá, porque já estou adivinhando qualquer corrente, tu não saias da casa porque eu não quero, só podes brincar comigo. (De Jayme para Maria, 2/02/1937)

Somos reportados ao fato de que, segundo a análise empreendida por Barreto (1999), *caso* é uma conjunção de base nominal independente, que teve seus primeiros usos acompanhada do item multifuncional *que*, para um posterior uso relativamente independente que chegou ao português brasileiro contemporâneo.

Entretanto, foi localizada uma ocorrência de *caso* introduzindo oração cujo verbo se encontra no futuro do subjuntivo, à diferença do que preconizam os gramáticos tradicionais. A ocorrência é destacada em (7):

(7) Caso quando esta chegar ao teu poder, ainda não tiveres mandado as fotografias não precisas mandar mais, porque já sei como elas estão, eu logo vi que esse fotógrafo de meia tigela, era um grandíssimo barbeiro, fala com o teu cunhado que não precisa ter o trabalho de mandar revelar aqui na cidade, porque eu as trago no domingo. (De Jayme para Maria, 29/09/1936)

Trata-se do exemplo mais inovador de Jayme no que se refere à necessidade de expressão da ideia de condição, o único desse tipo. Nas demais ocorrências de *caso*, os verbos das orações introduzidas por esse articulador encontram-se no presente do subjuntivo, consoante os exemplos listados na maior parte das gramáticas tradicionais.

A título de ilustração, seguem as demais ocorrências de *caso* nas cartas de Jayme:

(8) Recebi teu bilhete datado de ontem cujo conteúdo muito interessou-me, porque o teu irmão fez mal em dizer que estava morando no Catumby, motivo por qual tenho que reservar-me sobre qualquer ataque em minha casa, eu parar despistar **caso** perguntem a mim digo a mesma coisa que é para julgarem que eu não sei também. (De Jayme para Maria, 13/02/1937)

(9) Espera-me no 2º domingo na estação que irei no trem de 5 horas, e como chegada te darei [pag] um beijo **caso** tu mo permitas, levarei a máquina fotográfica,

para tirarmos os nossos retratos . Deste teu am , que não sabe o que fazer para agradar-te, mil beijos e, ternas saudades (De Jayme para Maria, 9/09/1936)

Tanto em **(8)** quanto em **(9)**, Jayme combina o articulador *caso* com o verbo da oração subordinada condicional no presente do subjuntivo, mostrando a predominância desse tempo verbal sobre o futuro do subjuntivo, relegado somente ao uso apresentado em **(7)**, incomum na tradição gramatical. Em razão de pouca quantidade de ocorrências, também podemos levantar a hipótese de que havia uma oscilação na apropriação do modelo tradicional de gramática, o que poderia ou não ser confirmado com mais usos do articulador *caso*, não localizados nas missivas disponíveis.

Existem muitos trabalhos dedicados ao estudo das conjunções condicionais que direcionam seu interesse para as orações condicionais introduzidas por *se*. As demais conjunções são focalizadas apenas em pesquisas sobre gramaticalização, conforme aponta Oliveira (2010). Decorre dessa negligência a importância de se considerar outros itens que veiculam essa noção. No caso das missivas escritas por Jayme e Maria, restringimo-nos a dois articuladores condicionais por terem sido os únicos recrutados por ambos. É sabido que, a depender do *corpus* de análise utilizado, os fatos linguísticos se diferenciam em usos e frequências.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, descrevemos brevemente os usos de articuladores que veiculam a ideia de condição por meio de uma abordagem diacrônica, consoante alguns pressupostos teóricos da corrente funcionalista da Costa Oeste norte-americana. Para a coleta de dados, valemo-nos de cartas amorosas escritas durante a primeira metade do século XX por um casal de noivos, que nos revelaram a alta

produtividade do articulador *se* para expressar condição em detrimento das demais conjunções e locuções conjuntivas previstas e legitimadas pela tradição gramatical. Os usos do articulador *caso se* restringiram ao noivo, tido como representante da norma culta de sua época e, provavelmente, um falante com grau maior de escolarização, hipótese cogitada no início do trabalho e confirmada pela análise dos dados.

Não obstante a prevalência do articulador *se* na veiculação dessa ideia, chamamos a atenção para a necessidade de explorar os outros articuladores, a fim de examinar se existem especializações ou nuances de sentido que seriam melhor captadas por esses articuladores. O estudo de Oliveira (2010) mostrou que *caso* é uma conjunção cujo uso mais típico permite inseri-la no grupo das hipotéticas, de ocorrência menos frequente. Por outro lado, trata-se de um significado bastante produtivo na língua, que tem sua expressão plenamente concretizada pela conjunção *se*.

Esperamos contribuir para análises mais detidas nos significados mais específicos passíveis de veiculação pelas demais conjunções e locuções conjuntivas, reconhecendo o caráter preliminar do presente trabalho. Ao mesmo tempo, reiteramos que a relativa variedade de alternativas que os gramáticos tradicionais oferecem para marcar a relação condicional não parece refletir os usos efetivos dos falantes do português, cuja predileção, seja nos usos identificados nos missivistas, escreventes nativos das primeiras décadas do século XX, seja no português contemporâneo, é pela conjunção *se*. Por outro lado, como ainda não foram localizados outros textos produzidos pelo casal, torna-se inviável garantir até que ponto os usos constituem variante linguística do casal ou pertencem ao gênero textual carta. Dessa maneira, seria possível uma comparação entre os gêneros e uma problematização da questão, possibilidade não contemplada no presente estudo.

REFERÊNCIAS

AWERA, J. V. der. *Language and logic: a speculative and condition-theoretic study*. Amsterdã: John Benjamins, 1983.

BARBOSA, A. G. "Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos". In: LOPES, Célia Regina dos Santos (org.). *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005.

BARRETO, T. M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador: UFBA, 1999. Tese de Doutorado. 2 vol.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, V. P. & RODRIGUES, V. V. "Uso(s) das orações condicionais". In: RODRIGUES, V. V. (org.). *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

HEINE, B. *Discourse grammar and the limits of grammaticalization*. Niterói: UFF, 2014.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, T. P. de. "Conjunções condicionais do português". In: *Acta Scientiarum*. Language and Culture v. 32 n. 2. p. 247-254, 2010.

SILVA, É. N. & LOPES, C. R. "O perfil sociolinguístico de um casal não ilustre: uma análise grafemática através da edição de cartas particulares". In: *Confluência* 43, p. 78-104, 2012.

RODRIGUES, V. V. "O uso das conjunções subordinativas na língua escrita padrão". In: BERNARDO, S. P. & CARDOSO, V. de (org.) *Estudos de linguagem: renovação e síntese. Anais do VIII Congresso da ASSEL-RIO*. Rio de Janeiro: Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro, 1999. p. 761-769.

RODRIGUES, V. V. *Os conectores e a gramaticalização*. 2009

SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

SILVESTRE, J. C. C. *Sociolingüística histórica*. Madri: Gredos, 2007.

VISCONTI, J. "On English and Italian complex conditional connectives: matching features and implicatures in defining semanto-pragmatic equivalence". In: *Language Sciences*, v. 18, n. 2, p. 549-573, 1996.

_____. *I connettivi condizionali complessi in italiano e in inglese*. Turim: Edizione dell'Orso, 2000.

Submetido em: 15/09/2014

Aceito em : 28/10/2014